

“E FEZ-SE A LUZ”

(Gênesis 1-3)

Luiz Sanctos Döring (*)

Nos últimos dias de fevereiro de 1996, escrevemos o artigo *O “Brasil Que Queremos”, Queremos?*, publicado naquele mesmo ano na Revista da Escola Superior de Guerra. No final do texto tecemos algumas considerações sobre as qualidades do Povo brasileiro. No momento em que comemoramos quinhentos anos, parece-nos que soou a hora de ampliar aquela análise, sem a pretensão de julgá-la profunda ou completa.

O Povo Brasileiro

Como sabemos, os povos possuem a sua herança social comum, a sua cultura. Apesar de formados, muitas vezes, por grupos que habitam áreas geográficas diversas e pertencem a etnias e raças diferentes, ao constituírem uma só nação significa dizer que, em que pese tais diversidades, possuem aspectos culturais comuns muito mais fortes do que as diferenças. Prevalece o fator “história” que gera a cultura nacional. O Homem é o vetor que leva esta cultura, no espaço e no tempo, contribuindo, inclusive, para a sua evolução.

Alceu Amoroso Lima, em palestra proferida na Escola Superior de Guerra, em 17 de maio de 1954 – *Aspirações e Interesses Nacionais Objetivos Permanentes do Brasil*) *Civilização Brasileira* – e publicada na Revista de Escola Superior de Guerra, ao discorrer sobre o Homem, tece considerações sobre o que denomina *humanismo brasileiro*; e propõe-se a analisar alguns traços deste humanismo. Fixar-nos-emos apenas em um, que julgamos da maior importância, justamente o citado em primeiro lugar pelo palestrante: *a primazia do sentimento sobre a razão*. Com suas palavras: “Somos um povo naturalmente afetivo ... Todos os grandes povos apresentam, geralmente, uma qualidade dominante. A nossa é o sentimento. A psicologia do homem brasileiro gira em torno do coração e não da cabeça ... A bondade, por exemplo, é uma qualidade derivada dessa psicologia afetiva e é um traço altamente positivo e que devemos cultivar e defender”.

Fernando Bastos de Ávila, em sua obra *Introdução à Sociologia*, focaliza estas idéias daquele insigne pensador, reportando-se, porém, a conferência realizada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1957. E as coloca sob o enfoque da *personalidade de base* ou *caráter nacional*. Reproduzimos trechos da obra citada, em que discorre sobre a *primazia do sentimento sobre a razão*: “O nosso homem é primariamente sentimental e secundariamente racional. Entre esses sentimentos sobressai a bondade. O brasileiro é bom, é naturalmente cordial. A evolução de nossa história foi repassada por esta nota de bondade” e “Os grandes momentos de nossa evolução foram superados sem as lutas truculentas que marcaram a evolução de outros povos: a independência, a abolição ... a República” (pg. 112, 4ª ed., 1970).

O aspecto “sentimental” sobressai em outros eventos históricos, em muitas atitudes e comportamentos, e no folclore.

Eventos Históricos

Além daqueles citados acima – Independência, Abolição e Proclamação da República – alguns outros, mais recentes, merecem citação, ora apenas para mostrar-se o traço sentimental, ora,

além disto, para frisar o complemento da bondade.

Inicialmente focalizaríamos o sucesso do populismo, em certo período, em nosso País; um fenômeno baseado fundamentalmente no sentimento, em que a racionalidade aparece apenas nos líderes populistas, ao planejar suas ações (embora tais ações possam decorrer de atitudes não racionais, se no líder constelar-se arquetipo do inconsciente coletivo). Uma figura marcante do populismo foi Getúlio Vargas, que, sobre o sentimento da massa, estabeleceu uma ditadura de quinze anos.

O envolvimento da opinião pública nacional, quando o País passou a participar diretamente da Segunda Guerra Mundial, mostrou bem a presença da face sentimental do povo. A adesão maciça à participação refletia, de um lado, o sentimento de aversão e repúdio à agressão nazi-fascista, bem como a compaixão para com os povos que sofriam os horrores decorrentes daquela agressão; de outro o *amor* à Pátria e o orgulho – no bom sentido – de participar de uma ação nobre, a de resguardar o futuro da Humanidade. Vale lembrar que a palavra “pracinhas”, com que a Gente brasileira designou os jovens componentes da tropa que lutava na Europa, reafirma a face sentimental bondosa; o diminutivo constitui, em nossa Terra, uma forma usual de manifestar apreço e carinho para com pessoas, animais e objetos. Se houvesse uma agressividade intrínseca nas pessoas comuns, certamente os soldados receberiam outro título, como “leopardos”, “falcões”, “águias”, denominações compreensíveis quando eleitas pela própria instituição militar, para estimular o melhor desempenho em combate. Também não será demais lembrar que o “amor à Pátria” constitui um conteúdo psíquico sentimental, espontâneo, e não uma atitude calculada friamente. Quanto mais sentimental um povo, mais amor terá por sua terra, seu continente, pelo Planeta. Um fator muito importante para a harmonia perpétua entre os povos.

A deposição de Getúlio Vargas, em 1945, sem lutas fraticidas, em que pese contar ainda, naquela época, com expressiva massa de correligionários, corrobora a visão de uma gente pacífica. Apelo para o sentimento do povo – por exemplo como “pai dos pobres” – conseguiria toldar a lembrança das violências e arbitrariedades do Estado Novo e voltaria ao poder em 1950, em eleição direta, e até hoje é lembrado e citado por muitos como grande estadista, naturalmente em inúmeros casos com interesses meramente eleitoreiros (em contrapartida, os governos do período de 1964 a 1985, caracterizados por princípios e metas, logicamente estabelecidos, e não por um governante único, absolutista e populista, que pautaram sua administração em decisões racionais, abdicando do apelo enfático ao sentimento, hoje são lembrados negativamente, apesar de haverem mudado radicalmente a situação do País, modernizando-o e transformando-o na oitava economia do mundo. Governantes racionais não cativam a massa). A aceitação da sua candidatura, um exultador, pouquíssimo tempo depois de sua deposição, sem ação concreta de embargo daqueles que o depuseram, e a posterior eleição também acentuam a evidência da ação não racional do eleitorado e das elites, e sim fundamentada no sentimento. O seu suicídio inverteu o posicionamento da opinião pública, que passou do repúdio à comiseração e à restauração de sua imagem, atitude fundamentalmente sentimental.

O impasse sucessório criado pela renúncia de Jânio Quadros, com solução pacífica, em que ambas as partes cederam em suas pretensões; sem revoltas populares violentas.

A Revolução de 1964 foi pedida e estimulada explicitamente pela maioria da opinião pública nacional, quer majoritariamente motivada pelo sentimento de receio da instalação de regime comunista, em nossa Terra, quer minoritariamente pela avaliação racional da elite pensante do País, sobre a possibilidade de que tal ocorresse. Ela desencadeou-se e o governo revolucionário instalou-se sem combates, dizimações, extermínios em massa (ao passo que os movimentos comunistas, segundo afirma o autor do capítulo *Os Crimes do Comunismo*, na obra *o Livro Negro do Comunismo*, geraram cento e cinquenta mil mortos na América Latina; a Intentona Comunista, em 1935, surpreendeu e matou trinta e um militares nos quartéis). Uma constatação a mais da prevalência do

traço “sentimento” reside no fato de que as mulheres constituíram as personagens das grandes marchas pelas ruas de capitais. Na mente feminina o sentimento manifesta-se mais intensamente do que na masculina.

Por fim citaríamos o encerramento do período de retração defensiva da democracia, modelo de reação comum na Natureza – que protegeu o Povo brasileiro contra a tentativa de instalação de uma ditadura comunista ou de regressão a um populismo infantil (filhos de novos “pais dos pobres”) – e o retorno a um modelo normal de democracia, quando a elite nacional (da qual os chefes militares eram – e são – apenas uma parcela) se conscientizou de que desapareciam os riscos, pelo evidente enfraquecimento da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, transição sem conflitos internos ou deposição pela ação de facções militares dissidentes ou “braços armados” de partidos ou de ideologias políticas; com eleição indireta, forma inteligente que afastou a possibilidade de radicalizações inadequadas para a mudança que se programara.

Alceu Amoroso Lima atribui à instituição *Família*, “baseada no sentimento”, esta forma tipicamente brasileira de superar grandes conflitos sociais, com ênfase à atuação feminina. Assim expressa-se: “Se os nossos grandes acontecimentos históricos se operaram sem derramamento de sangue: a passagem do período colonial para o período imperial e a passagem deste para a República e se todas as revoluções brasileiras foram pouco sangrentas e toda a vida política brasileira, nacional e internacional, orientada muito mais pela idéia de paz e harmonia, de acomodação, do que pela idéia de luta e de violência, tudo isso se deve, antes de tudo, à formação essencial **doméstica** do povo brasileiro, com o predomínio crescente da mulher” (palestra na ESG, 17/5/1954). A “formação doméstica”, ou seja, no seio da família, e a influência marcante da mulher, “ação materna”, neste ambiente, não constituirão um fator a mais para a primazia do sentimento?

Atitudes e Comportamentos Característicos

Apenas a título de exemplo, lembraremos alguns poucos posicionamentos ou reações coletivas, que contribuem para a tese de que somos um povo sentimental, genericamente bom e pacífico.

Não acolhimento da pena de morte, o que significa consideração última pelo Ser Humano; e crença na sua recuperação, mesmo nos casos em que tal possibilidade é remota. Leis trabalhistas que durante muito tempo foram consideradas como exemplo das mais “avançadas” – no sentido de mais favoráveis aos trabalhadores – do mundo.

Parcela significativa dos eleitores brasileiros, que, embora bem intencionada, vota não racionalmente e sim com base no sentimento. A opção é baseada na simpatia, na repetição, muita vez sem análise, da mesma escolha mantida ao longo de várias eleições (o eleitorado “cativo”, que como todo cativo espontâneo revela uma dependência não racional). Na realidade, os políticos tentam explorar este traço sentimental, aqui e em todos os países do mundo; e mais intensamente no caso do populismo.

Acolhimento amistoso a estrangeiros transitórios e sua total absorção pela sociedade, enquanto aqui residem.

Tratamento cordial a turistas nacionais ou estrangeiros, mesmo quando aportam em grande quantidade, onerando as estru-turas de comércio, transportes e outros serviços das localidades.

Ausência de preconceitos quanto a migrações internas expressivas, apesar da diferença de culturas regionais, diferenças naturais em um país de tão grandes dimensões; apesar, também, da escassez de espaço, de empregos e de recursos naturais. Os estados de São Paulo e Rio de Janeiro são bem uma vitrine da manifestação deste traço característico da nossa Gente.

Ausência de preconceito quanto à capilaridade – ascensão social – o que se pode observar inclusive e principalmente nas Forças Armadas.

Integração espontânea de raças – negra, indígena, branca, amarela – e de imigrantes de nacionalidades as mais diversas, com a conseqüente miscigenação. Um protótipo da “globalização” da Espécie Humana. A propósito, transcrevemos o depoimento de um autor britânico, à época professor de Psicologia Social da Universidade de Oxford: “Os problemas raciais desenvolveram-se nos Estados Unidos com a emancipação dos escravos, ao passo que no Brasil os seus primos se tornaram componentes de uma sociedade multirracial com a prática total de casamentos mistos” (Michael Argyle, *A Psicologia e os Problemas Sociais*, p. 106).

Ausência de conflitos entre religiões, crenças, fés; em muitas regiões do Globo, estes conflitos representam um sério problema que tende a agravar-se.

Como dissemos em *O “Brasil que Queremos”, Queremos?*, “Não existe ódio entre grupos. A tendência a perdoar está presente em todos. A solidariedade manifesta-se imediatamente nas situações difíceis, vividas por indivíduos e pelas comunidades.”

Folclore e opções de lazer.

A proeminência folclórica e o significado social de alguns eventos de massa, profanos ou religiosos, e a abrangência de certas opções de lazer podem revelar a predominância do sentimento no Homem coletivo brasileiro. Estímulos que mobilizam a massa sistematicamente.

Não poderíamos deixar de começar pelo carnaval. Este tipo de festa, que se estende por quatro dias, abrangendo praticamente todo o território nacional, de expressão tão significativa para a grande maioria do povo, constitui manifestação não da razão, mas do sentimento; e da sensação, na medida em que os sentidos, principalmente a audição e a visão, se deleitam com as músicas, as pessoas dançando. O carnaval evoluiu do “entrudo”, uma festividade provinda de Portugal, que se caracterizava pela interação agressiva entre as pessoas, com remessa de ovos, água, laranjas, etc., sem poupar os transeuntes; atitude que assim chegou ao nosso País, mas que, com o tempo, se transformou na festa alegre e pacífica que conhecemos. Na grande maioria dos países não vemos esta espécie de manifestação coletiva sem violência, tão valorizada, despida de ideologia e de interesses políticos, sem outra motivação exceto o prazer e o lazer; não é por mera coincidência que o nosso carnaval atrai tantos turistas estrangeiros.

As procissões, igualmente, expressam manifestação não do racional, mas do sentimento. A grande maioria dos fiéis desloca-se em massa não com a mente envolvida em raciocínios lógicos, porém sim com o sentimento da presença de Deus – e, no caso dos católicos, da Virgem Maria, dos Santos – da participação religiosa coletiva, de pertencer a uma igreja, uma religião, uma fé; naturalmente também a sensação de ver as pessoas e as imagens, de ouvir as músicas tocadas e cantadas e, muitas vezes, sentir o cheiro do incenso. Na maior parte dos países do Hemisfério Norte, não se vêem tais modelos de rituais; observam-se, sim, manifestações coletivas fundamentadas em *lutas* (a palavra já expressa a agressividade dos sentimentos) reivindicatórias, contestatórias, onde o conflito, e não a paz, estão evidentes. Não pretendemos dizer que tais tipos de manifestações não existem em nosso País; a diferença reside em que, aqui, o sentimento não agressivo está presente em inúmeros rituais de massa, em grau bastante elevado.

Os cultos de origem africana são, da mesma forma, expressões do sentimento, complementadas pela sensação.

A prática de “shows” religiosos, que se vai tornando habitual nas igrejas cristãs, inclusive a católica, freqüentemente com uma quantidade de público surpreendente, que sem dúvida mantém um paralelo fenomenológico com os grandes festivais populares, representam uma manifestação intensa do sentimento e de sensação. Também no interior das igrejas (prédios), realizam-se cultos e missas de jovens, em que a música de ritmo tradicionalmente profano permeia os ofícios.

O futebol constitui outro grande catalisador de sentimentos, que empolga quase todo o povo

brasileiro, principalmente quando joga a “seleção”. Um traço marcante da alma brasileira, que nos últimos anos lamentavelmente vem gerando agressividade, “importada” conforme comentamos em *O “Brasil que Queremos”, Queremos?*. Comparem-no os leitores com o “rugby”, as touradas, o esgrima, o box, o judô, o jiu-jítsu, o caratê, muito populares em outras culturas. A capoeira, esta sim parte tradicional de nosso folclore, embora regional, oriunda da África, pautou-se, inicialmente, por um princípio de grande violência, a ponto de tornar-se um problema prioritário de polícia, no Rio de Janeiro, no fim do Século XIX (ver *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Luís da Câmara Cascudo); hoje possui uma versão que tem como pano de fundo a música, ainda que muito simples; é quase um bailado, que poderemos admitir como um recurso para compensar a agressividade, público e lutadores canalizando a energia agressiva para a dança. Manifestação compensadora gerada pelo sentimento pacífico.

O gosto pelas novelas, estórias que geralmente desenvolvem tramas de amor, de amizades incondicionais, de sacrifícios em benefício das pessoas estimadas, de deslealdades, traições afetivas, frustração de paixões, e tantas outras desilusões, mas geralmente com final feliz, desfechos muitas vezes pesquisados junto ao público para melhor atender à sua expectativa (o que comprova o seu profundo envolvimento), tudo isto representa mais uma evidência do traço sentimental de nosso povo. Vale lembrar que esta relação obsessiva com novelas não surgiu com a chegada da televisão ao País; vem do “tempo do rádio”.

Os filmes brasileiros, com raras exceções, referem-se a um mundo se não realmente bom, pelo menos de esperança; mesmo quando refletem uma existência penosa, que gerariam no espectador a expectativa de comportamentos negativos, os sentimentos de compaixão, de amor ao próximo, estão presentes, compensando as agruras da vida dos personagens, como ocorre, por exemplo, no filme *Central do Brasil*; e quando narram estórias de indivíduos marginais, são mínimas as cenas de violência, se comparados com filmes estrangeiros sobre temas semelhantes. Na década de cinquenta, tornaram-se famosas as “chanchadas”, comédias alegres e românticas; os espectadores deixavam o cinema com espírito leve e otimista. As casas de espetáculo estavam sempre lotadas, nos horários de maior procura.

Começamos com o carnaval e terminaremos com a música popular, na maioria das vezes romântica, sentimental, composta por pessoas tão simples quanto moradores dos bairros mais pobres, até intelectuais, como Tom Jobim e Vinícius de Moraes; todas com igual oportunidade de sucesso, sejam os versos rebuscados ou simples, acolhidas pelo sentimento dos brasileiros. Os anos da Bossa Nova, os festivais da música popular, são expressões enfáticas de uma cultura musical estritamente brasileira, que reflete alegria e tolerância para com as adversidades. Hinos e marchas militares também revelam a índole pacífica dos brasileiros, porém bravos, se necessário, por amor à Pátria; por exemplo, a *Canção do Marinheiro*, em que o navio é simbolicamente associado a um cisne branco e a uma garça, e os versos, continuamente, ora enaltecem a beleza do mar, ora a saudade da Pátria e a alegria de a Ela regressar; outro exemplo a *Canção do Exército*, nos versos “A paz queremos com fervor / A guerra só nos causa dor / Porém se a Pátria amada / For um dia ultrajada / Lutaremos sem temor” Sem esquecermos o *Hino à Bandeira*: “Salve, lindo pendão da esperança! Salve, símbolo augusto da paz!” (sublinhados nossos).

Certamente a presença marcante do sentimento, no folclore brasileiro, se manifesta nas obras do grande sociólogo Gilberto Freyre, *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* e *Olinda 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira* (sublinhados nossos).

As Influências Negativas

Com a popularização das viagens a outros países, para estadas breves ou longas, e com os avanços tecnológicos fabulosos na área da comunicação por imagem e som, precipita-se um processo inevitável de aculturação. Considerando que o *status* de algumas nações tornou-se um mito, que na maioria das vezes não passa de inflação da vaidade de seus integrantes e de idealização do

observador externo desatento, estas “nações-mito” conseguem disseminar aspectos culturais inadequados, às vezes até condenáveis, a outros povos. Nosso País não tem escapado a tal infiltração. Em 1954, Alceu Amoroso Lima já se preocupava com os “mimetismos”, conforme expressou na palestra a que anteriormente nos referimos.

Um fato comum consiste na cópia de leis, regras, organizações. Ora todos sabemos que a legislação precisa compatibilizar-se com a cultura do povo; para sermos mais exatos, precisa decorrer da própria cultura. Quando se copia, cai-se no fenômeno das “leis que não colam”, defeito que aqui se atribui ao povo, quando na verdade parte do legislador e autoridade dos poderes executivos, ao imitar – às vezes criar – sem levar em conta a cultura nacional. Os sociólogos conhecem esta verdade e podemos citar as palavras de Samuel Koenig, em sua obra *Elementos de Sociologia* (pg. 64): “... as leis são, de fato, *mores* codificados ... Pode-se dizer que nas sociedades civilizadas os *mores* tendem a ser traduzidos em leis. Por esse motivo, para serem eficazes, as leis devem estar em conformidade com os *mores* existentes; do contrário, estarão condenadas ao fracasso” (sublinhado nosso). A seguir o autor cita caso de artigo da Constituição norte-americana que “não colou” (naturalmente ele não usou esta expressão jocosa, própria do nosso vocabulário). Isto vale para normas burocráticas, organizações, etc.

Nos artigos *O “Brasil Que Queremos”, Queremos?* e *Ser Potência é Conseqüência*, (este último publicado nesta Revista, edição de 1998), enfocamos algumas outras influências negativas; lembraremos apenas três, para acrescentar alguns dados. Primeiro, o comunismo e sua proposta de ditadura radical, seus terrorismo e guerrilhas, originários da Europa Oriental, que gerou vinte milhões de mortos, na URSS, e sessenta e cinco milhões, na China, conforme consta da obra antes citada, *o Livro Negro do Comunismo*. (quantos morreriam no Brasil?). Segundo, os eventos trágicos de crianças e adolescentes matando crianças, adolescentes, e adultos; aquilo que prevíamos, no artigo *Ser Potência é Conseqüência*, aconteceu, há pouco tempo, em um salão de cinema, em São Paulo. Terceiro, o aumento do consumo de drogas e da criminalidade (o tráfico e os seus desdobramentos que se vão tornando públicos), desde o momento em que o nosso país se tornou rota de exportação para o enorme demanda do Hemisfério Norte, e verificarmos, agora, que o dinheiro do tráfico está financiando guerras, conforme comenta Eric Hobsbawn, em *O Novo Século* (p.22).

Estes três aspectos da influência negativa e os demais abordados nos nossos dois artigos citados decorrem ora do que a Sociologia designa “efeito contágio”, fenômeno que se ampliou com a mídia eletrônica, ora de comportamento de “imitação”, induzido pelo *status* – nem sempre real e sim idealizado – do modelo, no caso as “nações-mito”.

Por fim – e com destaque – o neoliberalismo ou o *capitalismo selvagem*, que ganhou força de ideologia originária dos países mais ricos, com a competição profissional desenfreada e o desemprego elevado, que acentuam o individualismo, o egocentrismo, e o descaso pela sorte do próximo; e podem levar ao *comportamento de fuga* através das drogas, e ao aumento da violência, no contexto de assaltos e seqüestros, como solução para a sobrevivência e, amiúde, para a manutenção de vícios e de padrões de vida elevados.

Faz-se mister dificultar a proliferação destes modos de ser e agir anti-sociais, estranhos à nossa cultura, o que se conseguiria, principalmente, valorizando o que é nosso, nas conversas nos lares, nas escolas, nas universidades, nos filmes e peças teatrais, nos eventos culturais privados e dos governos, e principalmente, através da mídia, máxime o rádio e a televisão. No caso específico do desemprego, a solução encontra-se nas mãos da sociedade, o que seria assunto para um inteiro artigo.

A Nação Iluminada

Esta visão não é recente; ela está expressa na capa do nosso livro de poesias *Estruturas Leves & Pesadas*, publicado em 1990. Certamente muitos estranharam aquela figura, em que o Sol iluminava apenas a América do Sul, o que o colocava numa posição astronômica irreal; os símbolos apenas utilizam – mas não respeitam – a realidade. Naturalmente houve uma generalização; em algumas regiões sul-americanas ocorrem ainda áreas escuras, pouco iluminadas; fazemos votos de que estas “sombras” venham à luz, e a tranquilidade reine por toda parte.

Qual a fonte desta luminosidade que clareia tanto a América do Sul naquela figura? O Sol, responderíamos prontamente. Engano; o Astro-rei é ali apenas um símbolo. O responsável por toda aquela claridade é a *gente*.

Tivemos, nós brasileiros, duas grandes aliadas: a *distância* das “nações-mito” e a *amplidão* de nossa Terra. A primeira defendeu-nos, por muito tempo, do *efeito contágio*; a segunda protegeu-nos dos conflitos gerados pela escassez de espaço e de recursos para a sobrevivência e para a harmonia psíquica. Estas dádivas que recebemos permitiram que se formasse um povo com aquele traço característico a que nos referimos, entre outros apontados por Alceu Amoroso Lima. Toda a maldade que se desenvolveu no Hemisfério Norte – presente no nazismo, fascismo, comunismo, na Guerra Civil Espanhola, no IRA, ETA, nos conflitos do Oriente Médio, da Bósnia-Herzegovina, de Kosovo, da Chechênia, para citar alguns dramas – se e quando chegou à nossa Terra, não conseguiu modificar o povo, atingindo apenas pequenos segmentos. A *personalidade de base* das “nações-mitos” tem como um de seus traços mais proeminentes a *belicosidade*, conforme abordamos em *Kosovo, Algo Novo?* publicado na edição de 1999, desta Revista. Aqueles povos não conseguirão criar uma Paz Mundial, porque não possuem tradição de paz.

A paz não se impõe pela força; esta apenas reprime um sentimento coletivo que voltará a aflorar, tão logo possível. Não foi o que aconteceu com a Alemanha, anos após o término da Primeira Guerra Mundial? Em contrapartida a mesma Alemanha e o Japão, que contaram com tremenda ajuda econômica de seus vencedores de 1945, tornaram-se seus aliados incondicionais (ao passo que algumas nações do Leste Europeu, abandonadas às suas sérias dificuldades, enveredaram pela via da cruel ditadura comunista). Vale igualmente lembrar os eventos a que assistimos atualmente, os conflitos reprimidos pelas duas superpotências, durante a Guerra Fria, que explodem agora nos Bálcãs, na Europa Oriental, na África, na Ásia e na Oceania.

O fenômeno “paz entre Estados”, em nosso tempo, fundamenta-se em quatro fatores, raramente atuando apenas um: a ausência de contenciosos, disputas e ambições de conquista históricos; ausência de ameaça; interesses comuns; capacidade de dissuasão.

A existência, entre países, de contenciosos, disputas e ambições de conquistas antigos, históricos, reprimidos por imposições externas de qualquer natureza ou pela incapacidade de, à época, serem solucionados ou realizadas pela força, representam motivações ponderáveis para eclosão de conflitos bélico, tão logo um dos pólos possua a capacidade de impor sua vontade sem perdas ou com perdas aceitáveis; por exemplo, o caso China X Taiwan” e “Índia X Paquistão”. Ao cessar as pressões, sanções ou força externa e, às vezes, inibições internas, que o contenham, o conflito eclode. A ausência de heranças deste tipo, em determinada região, é fator favorável à paz entre Estados ali situados.

A total ausência de ameaça, em outras palavras, de potencial agressão, ocorre normalmente entre países distantes, quando um deles não seja superpotências com ambição de domínio regional ou mundial, caso da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Entre vizinhos é fato menos raro, posto que poderão existir, muitas vezes, um resíduo, ou resquício, de desconfiança, fundamentado em confrontos anteriores, conflitos de interesses econômicos passados, presentes, ou previstos, disputa de fontes de recursos (água ou petróleo por exemplo; e até vontade de domínio,

como traço de caráter nacional. Tais desconfiança e divergências podem exacerbar-se em algumas situações e os sentimentos de que o vizinho está mal intencionado, é usurpador, conquistador, apossam-se da nação, criando condições para o nascer de uma crise. Agravados pela “projeção da sombra” sobre o “opositor”, processo psicológico que também ocorre no comportamento coletivo (*Presente e Futuro*, Carl G. Jung, pr. 572).

Os interesses comuns constituem forte elemento aglutinador. Podem ser estratégicos, como os que motivaram criação de aliança atlântica, a Organização do Tratado do Atlântico Norte, OTAN, que se contrapunha à ameaça da ex-URSS; econômicos, como os que originaram a, então, Comunidade Econômica Européia, que mais tarde adicionou o aspecto político, evoluindo para a União Européia. Este fator contribui substancialmente para possibilitar ou reforçar o anterior, a ausência de ameaça. A criação do MERCOSUL constituiu passo importante para a consolidação de um relacionamento de colaboração, entre os países membros, e sua ampliação representa evolução significativa para o continente sul-americano.

A capacidade de dissuasão ainda significa a mais eficaz garantia de manutenção da paz, entendida esta palavra no seu sentido mais realista e diminuto, o de ausência de conflito armado. Esta capacidade, existente em ambas as superpotências, evitou a catastrófica Terceira Guerra Mundial; havia a consciência de que o mundo seria destruído, pela capacidade de igual resposta que o “outro” possuía. Isto nos leva, mais uma vez, a lembrar que a segurança de uma nação reside no fato de dispor de meios para dissuadir qualquer intenção de ações agressivas, provindas do exterior, o que somente se consegue com existência de Forças Armadas bem “armadas” e “amadas” pela nação, adestradas e prontas. Não será demais alertar que, no atual estágio de civilização, esta capacidade de dissuadir terá de perdurar por muito, muito tempo, porque projetos de ganhos, apropriações de recursos naturais pela força, ampliação ou recuperação de fronteiras, desejo – das elites ou coletivo - de domínio regional ou mundial, e tantos outros, reprimidos pela resposta concreta do poder militar ou pela capacidade de dissuasão do país alvo, renascem logo que aquela possibilidade de responder ou de dissuadir se torna relativamente inferior ao poder do país predador. Como afirmamos anteriormente, não se obtém a paz duradoura simplesmente pela repressão dos impulsos do “outro”. Lamentavelmente a “paz entre Estados” ainda é um sistema em equilíbrio instável. O que ressalta a importância do próximo parágrafo.

A paz mundial perene obter-se-á não pela imposição ou pelo “protetorado” de superpotências, mas pela integração fundamentada no sentimento. A via da *integração mundial* (preferimos esta expressão pelo fato de que a palavra “globalização” já está eivada de conotações de domínio e de prevalência dos mais poderosos) passa, necessariamente, pelo sentimento. O intelecto é frio; sob sua prevalência o indivíduo doa, divide, reparte, apoia, esforça-se, trabalha ou sacrifica-se, pelo “outro”, se houver algum lucro, ganho, ou risco de perdas ou prejuízos maiores do que aquilo de que abre mão. Conforme nos mostra Hanna Wolff em sua obra *Jesus na Perspectiva da Psicologia Profunda*, Nele predominava o sentimento. Não existe melhor exemplo de dedicação à paz.

Por outro lado o desaparecimento da estruturas comportamentais preconceituosas e o julgamento isento do valor dos outros povos, e ainda a predisposição para não considerar como norma geral que outra nação seja, em princípio, sempre ameaçadora, fundamenta-se no sentimento. Como frisou Carl G. Jung, em sua obra *Tipos Psicológicos* (pr. 965, 1029, 1054), a função “pensamento” trata de conhecer o objeto; a função “sentimento” estabelece o valor deste objeto, que podemos interpretar como o que vale o objeto para o sujeito.

A nossa Nação é o exemplo vivo da integração da Humanidade. Exemplo, também, de que *A Paz é Possível*. Isto conseguimos. E com certeza o fator sentimento do “humanismo brasileiro”, traço importante de nossa personalidade de base ou caráter nacional, e a distância em relação às áreas mundiais, onde as guerras eram forma tradicional de solução de conflitos, representaram papel fundamental.

A aculturação global, que permitirá a Integração Mundial, precisa fazer-se através da assimilação de bons sentimentos das povos que os têm.

Também, as nações que desejam a paz devem passar esta imagem ao Mundo. Nós o fazemos nas relações internacionais e, até, o formalizamos no Artigo 4º da Constituição:

“A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios: I – independência nacional; II – prevalência dos direitos humanos; III – autodeterminação dos povos; IV – não intervenção; V – igualdade entre os Estados; VI – defesa da paz; VII – solução pacífica dos conflitos; VIII – repúdio ao terrorismo e ao racismo; IX – cooperação entre os povos para o progresso da humanidade; X – concessão de asilo político.” (sublinhado nosso).

O Povo brasileiro é sentimento e pelo sentimento foi cimentado. Possui boa índole, propensão natural para a bondade. Nele prevalece a aceitação do diferente (em raça, etnia, nacionalidade, credo religioso, costumes, mores, etc), a solidariedade, a empatia, e tantas outras qualidades que enumeramos nas muitas linhas anteriores. Tudo isto somos. Tudo isto “devemos cultivar e defender”, usando as palavras de Alceu Amoroso Lima.

Nossa Terra foi o laboratório onde Deus – ou a Natureza – testou, com êxito, a próxima etapa da Evolução. Experiência que durou quinhentos anos. Precisamos preservar esta dádiva.

O Povo brasileiro é um protótipo de. Nova Humanidade.

O Sol desta NAÇÃO ILUMINADA.

() Vice-Almirante (RRm) e Ex-Subcomandante da Escola Superior de Guerra*